

## TRABALHO IMIGRANTE E TRABALHADORES AÇORIANOS

**Autor(a):** Gilberta Pavão Nunes Rocha | **Saiba mais sobre o(a) autor(a)**

**Tema:** Geografia / Demografia

**Subtema:** Emigração

**Referência geográfica do conteúdo:** Ponta Delgada, Portugal

**Data de publicação:** 30/11/2008

**Referência da Primeira Publicação:**

Não publicado. Comunicação apresentada na XI Semana Cultural da Casa dos

Açores do Ontário em Novembro de 2008

**Línguas disponíveis:** Português

### RESUMO

Com referência ao conceito de açorianidade definido por Vitorino Nemésio e a sua descrição dos açorianos e da emigração, relevar as suas características e a importância desta vertente da mobilidade nas sociedades de origem e destino, designadamente a nível do trabalho. Trabalho e instrução que são igualmente percebidos no grupo dos jovens na actualidade.

### CONTEÚDO

Ao ser organizada esta XI Semana Cultural, levado a efeito pela Casa dos Açores de Ontário, foi-me solicitada uma conferência sobre o trabalho e os trabalhadores imigrantes.

Ainda que com alguma reserva, aceitei o desafio. Aceitei-o, em primeiro lugar, pelo próprio facto de ser o que é - um desafio. A responsabilidade de procurar fazer uma nova reflexão, ainda que modesta e limitada, é sempre aliciante. Em segundo lugar, porque à minha própria intervenção iria ainda ter a ocasião de associar a de outros participantes, com o enriquecimento que este género de Encontros sempre propicia. O convívio intelectual com outras pessoas que conhecem a problemática de uma forma mais directa foi, assim, também determinante na minha decisão. Numa outra ordem de razões, aqui de âmbito mais complementar do que as anteriores, considerei ainda as responsabilidades acrescidas que neste momento tenho como Presidente do Conselho Científico do Portal Comunidades Açorianas e, conseqüentemente, do contacto mais estreito que devo ter com a realidade da Diáspora. Agradeço, assim, à Casa dos Açores do Ontário o convite para participar nesta iniciativa.

A minha área de investigação - a Demografia, trata da população, no caso a dos Açores, e uma das suas componentes - a Emigração é o ponto de partida para que se possa falar dos açorianos fora dos Açores, ou seja, no mundo em geral.

A maioria dos trabalhos que tenho efectuado, designadamente sobre a mobilidade em geral e emigração em particular, têm, todavia, tido como principal preocupação verificar os efeitos das saídas populacionais no evoluir do volume e da estrutura demográfica do arquipélago e de cada uma das suas ilhas, ou seja, analisar o impacte dos movimentos migratórios nas respectivas dinâmicas populacionais.

Utilizando uma perspectiva mais quantitativa, na qual o qualitativo está também muitas vezes presente, tenho-me dedicado, no fundamental, à caracterização e compreensão da situação demográfica interna da região, cujas conseqüências são diversas e visíveis em todas as vertentes da sociedade, desde a económica, a social ou a cultural. Tal não significa, contudo, que desconheça, ou que não tenha procurado saber, quais os principais factores determinantes dos diversos fenómenos demográficos e sua contextualização em domínios bem diversos quer estes sejam de ordem material, quer política ou ideológica.

Tendo a população dos Açores como principal objecto de análise, os trabalhos que realizei procuram normalmente inserir as ilhas em ópticas mais globalizantes, com referência à situação nacional e internacional. Em termos cronológicos estou bem mais familiarizada com a actualidade, poderei mesmo dizer com o século XX e XXI, não obstante tenha efectuado já alguns trabalhos, de carácter mais pontual, sobre os finais dos séculos XVIII e XIX.

Assim, ter-me-ia sido relativamente fácil, e conforme aos meus procedimentos de investigação habituais, apresentar, por exemplo, o número de açorianos que saíram do arquipélago e enquadrar os fluxos emigratórios no contexto interno da sociedade açoriana e nas transformações nacionais e internacionais que ocorreram durante um período longo, como é da emigração livre açoriana para terras do continente norte-americano: EUA e Canadá.

Não foi este, todavia, o caminho que escolhi. Acho que o que me foi proposto é diferente, pois atende a um campo específico - o do trabalho e, porventura, a forma particular de o entender, o que remete para a especificidade da nossa forma de ser e de estar em sociedade, designadamente em sociedades de outros países.

Começamos então por esta última questão que se enquadra num conceito mais vasto - o da açorianidade. Termo criado por Vitorino Nemésio foi amplamente divulgado em contextos bem diferenciados, com predominância nos estudos de âmbito literário e em intervenções de ordem política. Penso, pois, que para começar esta intervenção será interessante ir à génese e partilhar convosco o que foi escrito por este autor no já longínquo ano de 1932, por ocasião do V Centenário do Descobrimento dos Açores no artigo que intitulou precisamente de "Açorianidade", e que passo a apresentar:

*... Quisera poder enfeixar nesta página emotiva o essencial da minha consciência de ilhéu. Em primeiro lugar o apêgo à terra, êste amor elementar que não conhece razões, mas impulsos; e logo o sentimento de uma herança étnica que se relaciona intimamente com a grandeza do mar.*

*Um espírito nada tradicionalista, mais humaníssimo nas suas contradições, com um temperamento e uma forma literária cépticos, - o basco espanhol Baroja, - escreveu um livro chamado Juventud, Egoítria "O ter nascido junto do mar agrada-me, parece-me como um augúrio de liberdade e de câmbio". Escreveu a verdade. E muito mais quando se nasce mais do que junto do mar, no próprio seio e infinitude do mar, como as medusas e os peixes...*

*Uma espécie de embriaguez do isolamento impregna a alma e os actos de todo o ilhéu, estrutura-lhe o espírito e procura uma fórmula quási religiosa de convívio com quem não teve a fortuna de nascer, como o logos, na água...*

*...Meio milénio de existência sobre tufos vulcânicos, por baixo de nuvens que são asas e bicharocos que são nuvens, é já uma carga respeitável de tempo...*

*... Como homens, estamos soldados historicamente ao povo de onde viemos e enraizados pelo habitat a uns montes de lava que saltam da própria entranha uma substância que nos penetra. A geografia, para nós, vale outro tanto como a história, e não é de balde que as nossas recordações escritas inserem uns cinquenta por cento de relatos de sismos e enchentes. Como as sereias temos uma dupla natureza: somos de carne e pedra. Os nossos ossos mergulham no mar". 1*

A açorianidade assim sentida releva, entre outros aspectos, assim o creio, a importância do meio físico, do isolamento e da proximidade do mar, enquanto elementos identificadores de uma vivência insular do português de quatrocentos.

Os açorianos e o seu modo de viver e sentir, a sua portugalidade e também a sua especificidade são, pois, questões centrais no conceito de açorianidade. Mas há ainda um outro aspecto que reputo do maior interesse, fulcral mesmo, para um correcto entendimento da região e que creio que também não deve ser aqui ignorado. Refiro-me à diversidade existente no interior do arquipélago, que já várias vezes temos analisado no campo demográfico. A consideração desta diversidade foi também objecto de uma conferência de Nemésio, "O Açoriano e os Açores", realizada na Associação Académica de Coimbra em 13 de Fevereiro de 1928, poucos anos antes do artigo acima citado. Passo, assim, a apresentar alguns excertos.

*"[...] Resta avaliar do contributo português, por certo o maior, e principalmente decisivo na formação da psique do maior número de habitantes. O alentejano e o algarvio, a um lado, o beirão e o baixo-duriense a outro, parecem ter sido os principais avós da laboriosa grei. Em suma, os açorianos são portugueses.*

*Se é certo que podemos conceber um tipo de açoriano que se caracteriza pelo afêro ao trabalho e por uma docilidade de maneiras que esconde dureza de acção, rigorosamente falando êle não existe, mas sim dois ou três tipos bastante diferentes uns dos outros. O micaelense, com o mariense por adminículo, revela desde a fala ao tom bosselado das feições uma preocupação de insulanismo estreme, tão rija e calada que o assinala em toda a parte como alguém que é aluís. Bonventura levado na partilha dos dons hereditários insipientes, que foram ter preferência aos seus irmãos das*

alguma. A inventura resado na palavra dos dons agradáveis, insiduosos, que foram em preferência aos seus irmãos das mais ilhas, é ele que levanta a enxada mais alto, a crava mais fundo, e com mais vigor lhe extrai a terra já dócil ao grão e já penetrável ao tubérculo. E ele ainda o que melhor agencia.

Industrializou uma agricultura notável, que transcende a rotina do pão, do vinho e da horta, para se alargar às culturas que pesam na balança económica, enchendo de ouro o prato a dividir pelo comércio interno [...].

Os outros dois tipos do açoriano pertencem aos naturais das ilhas de Baixo (da Terceira até à mais ocidua), e oscilam um para o outro até quasi confusão. Um deles perfazem-no talvez o terçeirense e o natural da Graciosa; o outro agrupa-se em torno do habitante do Pico, que é, sob certo aspecto, a nata do insulano. O que no micaelense é aspereza, indole tenaz mas tósca, no terçeirense é amenidade, alguma manha, e principalmente uma bizzarria que trai a coabitação com o castelhano durante meia centúria. Dos ilhéus é ele o mais festeiro [...] o próprio trabalho dos campos e dos pastos é para ele uma festa, tão ligado anda aos seus divertimentos favoritos. Começa porque o toiro é o seu primeiro agente de alegria [...]

Se o terçeirense é festeiro, exuberante e perdulário, não lhe faltam também qualidades que fazem dele, no meio do agregado insulano, um dos mais desempenados obreiros do bem comum. Mas as suas qualidades de trabalho desenvolvem-se melhor na terra alheia, onde não há o toiro para servir de pretexto aos ócios dissolventes.

Já o homem da ilha do Pico tem outro feitio, outra ética. Afirmei há pouco que ele era a nata das ilhas, e, em verdade nenhum açoriano se lhe avantajava na concepção séria da vida, temperada embora por uma ingenuidade que é o segredo do seu triunfo nas lides a que se entrega. O seu arcaboço, de esbelta arquitectura, é vigoroso e tamanho que excede as marcas da média na escala da inspecção. Quasi sempre, por isso, dá um artilheiro magnífico. Mas o que ele é por tradicional vocação, é marinheiro [...] da galeria quatrocentista dos primitivos portugueses. O picoinse ou picaroto [...] trabalha na vinha e na horta, poda o pomar, vai à moenda com o seu taleigo de novidade, mas está sempre pronto para saltar à canoa à saga da baleia".<sup>2</sup>

Se a açorianidade surgia anteriormente como elemento unificador do viver insular do português dos Açores, as características psicológicas dos habitantes das diversas ilhas agora apresentadas realçam as respectivas diferenças. E esta é uma outra realidade, uma outra característica que tem marcado a História do arquipélago, que tenho definido como sendo uma região plural. Esta é a tese que sempre tenho defendido nos estudos de âmbito demográfico, nos quais encontramos, nas diversas ilhas e ao longo dos tempos, dinâmicas populacionais distintas.

A diversidade regional, sublinhada por Nemésio quando descreveu os traços mais marcantes do modo de ser dos habitantes de algumas ilhas, e a realidade social analisada em outros estudos são, em meu entender, de grande importância para o conhecimento dos Açores e dos açorianos, dentro e fora do arquipélago. 3

Os Açores, a região, o arquipélago, as ilhas. O singular e o plural utilizados não ao acaso mas como identificação de uma ou de várias realidades que constituem o passado e o presente da população açoriana. Singular de um arquipélago tornado região. Plural de ilhas e gentes que se afirmam na sua individualidade. Singular, por apresentar uma unidade tendencial. Plural, por em cada momento ser visível a sua diversidade.

De resto, se o lema da unidade e diversidade se aplica à região, também o mesmo acontece quando esta é enquadrada no todo nacional, ele mesmo regionalmente uno e diverso, quer se considere unicamente o continente quer o conjunto do continente e ilhas.

Retomando Nemésio, a unidade açoriana volta a surgir quando no mesmo texto sublinha:

"[...] Até às suas camadas superiormente representativas, o ilhéu vai percorrendo uma escala de harmoniosa integração. Vagaroso nos seus movimentos domésticos, a sua energia é como que abafada pela humidade atmosférica. Parece indolente. Não reage talvez bastante na política, na religião, nas categorias em que se exige um certo esforço desinteressado e um relativo pendor para a luta dos sentimentos e das ideias. Nisso, em verdade, é fraco. Dá a impressão de pouco vertebrado e disposto a sustentar os riscos duma atitude decidida. Se porém procurarmos as verdadeiras razões desta falha, iremos achá-las na lei da sociabilidade açoriana. A pequena vizinhança é o seu tipo de agregação; daí o perigo da excessiva combatividade, sempre inerente às atitudes de pura opinião, sem valor prático imediato [...]. Mas, tirado do ambiente um pouco estreito em que vive, o ilhéu desentranha-se em vida e prodigaliza em acção. É inventivo, tenaz, paciente e dispõe de uma reserva de dons que, uma vez desatados, o guindam muitas vezes a notáveis posições de perigo e de comando. Os continentes exercem sobre ele uma fascinação singular. Atravessa isolado a infância e a adolescência, e muitas vezes a mocidade, a virilidade e a velhice o vêm encontrar no mesmo ponto, as suas quatro paredes de lava basáltica e traquítica. Mas um dia vem para muitos em que o feitio do mar já não cede, e ei-lo então a bordo do barco de emigrantes ou em demanda das metrópoles carregadas de sedução. Assim cumpre o açoriano o seu secular destino. Por toda a parte se desenvolve e adapta, e, - coisa singular! - já não é o mesmo homem aparentemente fatalista, lento de voz e meneios, que parece vergar na sua ilha sob o peso inclemente dum avatar geográfico. A sua adaptação não é cómoda, mas vigorosa e seguida de um rejuvenescimento salutar". 4

A emigração, o trabalho e o trabalhador imigrante surge assim, também em Nemésio, explicitamente como factor típico do ser açoriano, não importa de que ilha. E aqui retomamos o que pode ser considerado um elemento fundamental da própria açorianidade" [... açorianidade subjacente que o destêrro afina e exarceba", como ele próprio afirma em "Açorianidade".

"O ilhéu, naturalmente emigra. O ilhéu dos Açores já era, historicamente, um emigrado.

[...] A emigração fazia-se tradicionalmente para o Brasil; depois para a América do Norte. É conhecido o caso das dezenas de casais açorianos fixados em Santa Catarina [...]

A corrente migratória, que procurava o meridiano do Rio de Janeiro e das capitânias do suão, foi também derivando para o Norte, estabelecendo na Baía êsse moiro de trabalho que é o ilhéu, metendo-o no botequim, no engenho, no fumo, no sertão atrás do gado [...]

A mineração da califórnia marca a hora da América. Êstes é que são os verdadeiros emigrantes da trouxinha, os que não levam a caixa da roupa legalmente pregada ao convés, mas vão libertos, a furto dos portos, às vezes num cesto ou num barril. Gente que endureceu. A bordo dos veleiros estranhos, bebendo água torpe, comendo bolacha com bicho, têm uma língua de trapos para comunicar a média dúzia de coisas de um mínimo de trato humano. [...]

Eram êstes que chegavam à Nova Inglaterra e se internavam pelo Far West no carro bóer, com rifles encouraçados, à saga de um ouro que não vinha: Mas com esta ilusão fundaram e estabeleceram os ranchos ilhéus da outra costa. E, como um rio, nunca mais parou a onda de gente açoriana que se espalhou pela Califórnia e aí recebeu e deu lições de trabalho e esperança. Oakland. S. Francisco. Da costa de cá, mais sedentários, proletarizados, bem falantes, acenam aos outros os ilhéus de New-Bedford e de Boston". 5

Escrito do início dos anos quarenta, uma década antes da emigração açoriana para o Canadá, não podia Nemésio fazer referência a estas paragens e aos seus imigrantes das ilhas, pioneiros na construção dos caminhos-de-ferro, mais tarde na indústria e nos serviços.

Emigração e trabalho, uma dupla perspectiva de uma mesma realidade que procuraremos agora tornar contemporânea, numa reflexão sobre o presente e o futuro.

O trabalho enquanto factor decisivo da promoção individual e inserção nos locais de destino, o que obriga, cada vez mais, à aquisição de saberes e competências que permitam ter sucesso na sociedade tecnológica e competitiva em que vivemos, facto que te especial relevância nos países mais desenvolvidos, onde se encontram as nossas comunidades, designadamente esta, do Canadá. Não podemos dissociar a educação do trabalho pois é através daquela que este se efectiva.

Se no passado, nas sociedades industriais, os níveis educacionais não eram um requisito fundamental para a obtenção de emprego e para ter uma vida profissional plena, como pode ser verificado por esta nossa comunidade de Ontário, ou outras, o mesmo não acontece na contemporaneidade. Daí que, fundamentalmente, os jovens, mas também os menos jovens, necessitem de dar prioridade à educação, designadamente a educação formal. Não parece ser este caso, tendo em conta o estudo de Carlos Teixeira e Armando de Oliveira sobre os jovens luso-descendentes no Canadá (Montreal e Toronto) 6 no qual afirmam que a nossa comunidade não dá a importância devida ao factor educativo:

"O que esta nova situação trás de especialmente preocupante para os jovens portugueses e luso-descendentes, é o facto de, (nova economia) ao atribuir à instrução o papel fundamental na incorporação dos jovens, deixar os de origem portuguesa em situação particularmente vulnerável, dado o fraco desempenho académico que os tem caracterizado". 7

Os autores realçam, todavia, que o fraco desempenho académico não é um fenómeno que diga respeito aos jovens portugueses e luso-descendentes no Canadá em particular, mas que parece afectar aqueles jovens em qualquer parte do país.

Esta realidade não poderá assim, de ter consequências individuais negativas na futura inserção no mercado de trabalho, no desempenho profissional dos nossos imigrantes e seus descendentes e, em última instância, na relevância das comunidades açorianas no estrangeiro e, assim sendo, na diáspora.

Não sendo, assim, uma situação específica das comunidades, pois também existe na generalidade do país, não deixa de se poder tornar mais gravosa para a afirmação de um grupo étnico de uma comunidade em país estrangeiro

de poder ter um maior grau de participação na sociedade de acolhimento, ela deve também dirigir-se

Mas a aquisição de competências não se deve cingir à inserção na sociedade de acolhimento, ela deve também dirigir-se para a sociedade de origem, principalmente no que respeita à língua e à cultura. E neste caso o esforço não tem de vir somente dos próprios mas também das entidades oficiais, designadamente as nacionais. O ensino da língua é um elemento base de identidade cultural e deve ser incentivado desde tenra idade, tornando as crianças e os jovens bilingues. O aprofundamento dos estudos linguísticos e literários, como outros, da competência de instituições de ensino superior, universitário pode e deve coexistir com os das escolas comunitárias, o primeiro passo para o ensino e motivação para o prosseguimento de estudos. Uma formação exigente, na abrangência dos conhecimentos, propiciará, percursos profissionais mais aliciantes e inclusivos e uma formação humana mais enriquecedora.

---

---

## NOTAS

1- Vitorino Nemésio, " Açorianidade", in *Insula*, Numero Especial Comemorativo do V Centenário do Descobrimento dos Açores, n2718, Ponta Delgada, 1932, p. 59.

2 - Vitorino Nemésio, " O Açoriano e os Açores" in *A Águia*, Órgão da Renascença Portuguesa, 4 Série n26 - Novembro e Dezembro, Pôrto, 1928, p.p. 165, 169.

3 - cf. entre outros Raquel Soeiro de Brito, *A ilha de S. Miguel*, Lisboa, Instituto de Alta Cultura, Centro de Estudos Geográficos, 1955; Gilberta Pavão Nunes Rocha, *Dinâmica Populacional dos Açores - unidade. permanência. diversidade*, Ponta Delgada, Universidade dos Açores, 1991.

4 - Vitorino Nemésio, " O Açoriano e os Açores" in *A Águia*, Órgão da Renascença Portuguesa, 4 Série 1126 - Novembro e Dezembro, Pôrto, 1928, p.p. 169, 170

5 - Vitorino Nemésio, " O ilhéu emigra" in *Atlântico* - Revista Luso - Brasileira, Secretariado da Propaganda Nacional - Lisboa! Departamento de Imprensa e Propaganda-Rio de Janeiro, 1942, p.p.65, 67.

6 - Manuel Armando de Oliveira, Carlos Teixeira, *Jovens Portugueses e Luso-Descendentes no Canadá - trajectórias de inserção em espaços multiculturais*, Oeiras, Celta, 2004.

7 - Id. *Ibid*, p.219